



## O PODER DA NOMINAÇÃO EM CENÁRIOS TRANSFRONTEIRIÇOS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E PERFORMATIZAÇÃO DE IDENTIDADES

**Maria Elena Pires-Santos**

(Unioeste/PR) - e-mail: mepires@gmail.com<sup>1</sup>

**Olga Viviana Flores**

(Unioeste/PR) – e-mail: olga.viviana.flores@gmail.com<sup>2</sup>

**Elaine Manoel Juliani**

(Unioeste/PR) – e-mail: elaine.nani07@gmail.com<sup>3</sup>

**Fernanda Fabrícia Fernandes**

(Unioeste/PR) - fernandafabricia@hotmail.com<sup>4</sup>

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Maria Elena Pires-Santos, Olga Viviana Flores, Elaine Manoel Juliani y Fernanda Fabrícia Fernandes (2020): “O poder da nominação em cenários transfronteiriços: entre representações e performatização de identidades”, Revista Caribeña de Ciencias Sociales, ISSN 2254-7630 (octubre 2020). En línea: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2020/10/identidades.html>

Resumo: Ao se envolver em lutas socioculturais e lutas pelo poder político, a mídia ocupa papel crucial na função de (de)formar a opinião pública, interferindo na construção de juízos de valor que legitimam, por meio da repetição exaustiva, a nominação de grupos sociais, intermediando a construção de identidades pré-formadas. Sendo assim, o objetivo desse artigo foi investigar como a nominação “brasiguai” se espraia para diferentes contextos no processo de apropriação e reprodução pela mídia, engendrando tensões entre representações identitárias e performatizações, no complexo cenário de fronteiras. Essa investigação está situada na área da Linguística Aplicada, por ser esta caracterizada essencialmente pela interdisciplinaridade que, em sua interconexão com a Etnografia, propicia interfaces

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP/SP, professora Sênior dos Programas Mestrado e Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Mestrado e Doutorado em Letras e Mestrado Profissional em Letras/Proletras – Unioeste/PR.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Unioeste/PR, professora dos Cursos de Letras Portugêses/Espanhol e Portugêses/Inglês da Unioeste e doutoranda no Programa em Sociedade, Cultura e Fronteiras/Unioeste-PR.

<sup>3</sup> Professora da Rede Pública de Ensino SEED/PR, mestranda no Programa em Sociedade, Cultura e Fronteiras/Unioeste-PR.

<sup>4</sup> Professora do Município de Foz do Iguaçu/PR, mestranda no Programa em Sociedade, Cultura e Fronteiras/Unioeste-PR.

com diversos campos de conhecimento como, por exemplo, Antropologia, Sociologia e Estudos Culturais. Para cumprir o objetivo proposto, foram analisados excertos de notícias veiculadas pela mídia local e nacional, recobrando o período de 1993 a 2020, com a seleção aleatória de apenas 04 fragmentos referentes a cada uma das décadas, tendo em vista a disponibilidade reduzida desse espaço. Como resultados, entendemos que a invenção de uma identidade “brasiguaiá”, cunhada inicialmente por esses sujeitos, serviu estrategicamente aos interesses e ideologias dos próprios brasileiros como símbolo para denúncia do não reconhecimento do direito a uma pátria. Apropriada pela mídia, a nomeação foi colocada a serviço da formação de juízos de valor e controle ideológico, se estendendo das relações internacionais às práticas cotidianas desses sujeitos.

Palavras-chave: nomeação midiática, brasiguaiá, representações identitárias, performatizações.

### **EL PODER DE LA NOMINACIÓN EN ESCENARIOS TRANSFRONTERIZOS: ENTRE REPRESENTACIONES Y PERFORMATIZACIÓN DE IDENTIDADES**

Resumen: Al involucrarse en luchas socioculturales y luchas por el poder político, los medios de comunicación juegan un papel crucial en la función de (des) formación de la opinión pública, interfiriendo en la construcción de juicios de valor que legitiman, a través de la repetición exhaustiva, la nominación de grupos sociales, intermediando la construcción de identidades preformadas. Así, el objetivo de este artículo fue investigar cómo el nombre “brasiguaiá” se difunde a diferentes contextos en el proceso de apropiación y reproducción por los medios, generando tensiones entre representaciones identitarias y performatizaciones, en el complejo escenario de las fronteras. Esta investigación se ubica en el área de la Lingüística Aplicada, ya que se caracteriza esencialmente por la interdisciplinariedad que, en su interconexión con la Etnografía, proporciona interfaces con diferentes campos del conocimiento como, por ejemplo, Antropología, Sociología y Estudios Culturales. Para cumplir con el objetivo propuesto, se analizaron extractos de noticias difundidas por los medios locales y nacionales, abarcando el período de 1993 a 2020, con la selección aleatoria de solo 04 fragmentos referidos a cada una de las décadas, ante la reducida disponibilidad de este espacio. Como resultado, entendemos que la invención de una identidad “brasiguaiá”, acuñada inicialmente por estos sujetos, sirvió estratégicamente a los intereses e ideologías de los propios brasileños como símbolo para denunciar la falta de reconocimiento del derecho

a un país. Apropriada por los medios de comunicación, la nominación se puso al servicio de la formación de juicios de valor y control ideológico, extendiéndose desde las relaciones internacionales hasta las prácticas cotidianas de estos sujetos.

Keywords: nominación de medios “brasiguaió”; representaciones de identidad; performatizaciones

## **THE POWER OF NOMINATION IN CROSS-BORDER SCENARIOS: BETWEEN REPRESENTATIONS AND PERFORMATIZATION OF IDENTITIES**

Abstract: By engaging in socio-cultural struggles and struggles for political power, the media plays a crucial role in the function of (de) forming public opinion, interfering in the construction of value judgments that legitimize, through exhaustive repetition, the nomination of social groups, intermediating the construction of preformed identities. Thus, the objective of this article was to investigate how the name “brasiguaió” spreads to different contexts in the process of appropriation and reproduction by the media, engendering tensions between identity representations and performatizations, in the complex scenario of borders. This investigation is located in the area of Applied Linguistics, as this is essentially characterized by interdisciplinarity that, in its interconnection with Ethnography, provides interfaces with different fields of knowledge such as, for example, Anthropology, Sociology and Cultural Studies. To fulfill the proposed objective, excerpts from news carried by the local and national media were analyzed, covering the period from 1993 to 2020, with the random selection of only 04 fragments referring to each of the decades, in view of the reduced availability of this space. As a result, we understand that the invention of a “brasiguaiá” identity, coined initially by these subjects, strategically served the interests and ideologies of the Brazilians themselves as a symbol for denouncing the lack of recognition of the right to a country. Appropriated by the media, the nomination was placed at the service of the formation of value judgments and ideological control, extending from international relations to the daily practices of these subjects.

Keywords: “brasiguaió”; media nomination; identity representations; performatizations

### **1. INTRODUÇÃO**

As fronteiras abrangem uma larga e difusa faixa ao longo de limites geográficos, muitas vezes imaginários e movediços, o que dá margem a uma visão de fronteiras fluidas, borradas, impossíveis de serem delimitadas no mundo atual, embora sejam passíveis de fiscalização e punição em relação àqueles que buscam a travessia. Assim se configura o cenário da Tríplice Fronteira onde estão localizadas as cidades de Foz do Iguaçu/Brasil, Ciudad del Este/Paraguai e Puerto Iguassu/Argentina. A caracterização desse cenário transfronteiriço pode ser observada na naturalidade com que veículos dos três países - incluindo transportes coletivos com a indicação “transporte urbano internacional” - transitam pelas três cidades. Também confirma a transnacionalidade, a intensa mobilidade de pessoas em todas as direções fronteiriças, entre estas as nominadas “brasiguaios”.

A nomeação homogeneizadora e simplificadora “brasiguai” – substantivo que traz em sua composição a junção de duas nacionalidades, brasileira e paraguaia - faz referência a brasileiros que se deslocaram para o Paraguai, principalmente nas décadas de 1960/1970, como trabalhadores rurais e que, ou permanecem no país vizinho, ou têm retornado intermitentemente ao Brasil.

Segundo Pires-Santos (1999; 2004), esses brasileiros são, em sua maioria, falantes de português - e/ou alemão e italiano, dependendo da região brasileira de onde se deslocaram. Seus filhos, muitos deles nascidos no Paraguai, têm como primeira língua o português e/ou o castelhano, ou o guarani; entre estes, estão também aqueles que falam ainda o alemão e/ou italiano, línguas de herança. Passam pela educação bilíngue espanhol/guarani, línguas oficiais do Paraguai. Nas práticas de linguagem diárias, no ambiente familiar, muitos desses brasileiros mantêm em suas práticas de linguagem, a língua portuguesa. Mas, fora desse ambiente, além das línguas oficiais locais, muitos falam também o *joporá*, isto é, o resultado de um entrelaçamento entre guarani e o espanhol. Esses sujeitos desenvolvem um amplo repertório linguístico caracterizado por ‘práticas translíngues’, expressão que, segundo Garcia e Leiva (2014) e Canagarajah (2013), são próprias dos sujeitos bilíngues/plurilíngues e correspondem à capacidade de se usar, nas interações, os processos dinâmicos e flexíveis de práticas de linguagem complexas, para fazerem sentido de seus mundos. Segundo os autores, essa configuração de entrelaçamento de línguas, em que nem sempre é possível distinguir uma da outra, se diferencia da visão do bi/multilinguismo como justaposição de línguas circunscritas.

Nesse cenário transfronteiriço e transnacional, linguística e culturalmente complexo, a mídia ocupa papel crucial, pois uma notícia veiculada de um lado pode causar interações imprevisíveis e também gerar repercussões diplomáticas internacionais e influenciar a construção de representações identitárias pois, segundo Thompson (2009), as vozes midiáticas intermediam a construção de identidades.

Embora a mídia seja uma das únicas formas de os “brasiguaios” fazerem ouvir suas vozes, é inegável que esta, na sua função de (de) formar a opinião pública ao se envolver em lutas pelo poder político e lutas socioculturais por meio da imposição e da legitimação da nomeação de grupos, interfere na formação de juízos de valor, colocando os significados midiáticos a serviço do controle ideológico, como acontece com a nomeação “brasiguaios”.

A partir das problematizações levantadas, o objetivo desse artigo foi investigar como a nomeação “brasiguaiio” se espalha para diferentes contextos no processo de apropriação e reprodução pela mídia, engendrando tensões entre representações e performatizações identitárias, no complexo cenário de fronteiras. Para tanto, foram analisados excertos de notícias veiculadas pela mídia local e nacional, recobrando o período de 1993 a 2020, com a seleção aleatória de 04 fragmentos referentes a cada uma das décadas, tendo em vista a disponibilidade reduzida desse espaço.

Essa investigação em contexto de fronteira – que são parte de diferentes pesquisas mais amplas realizadas pelas autoras deste artigo - está situada na área da Linguística Aplicada, por ser esta caracterizada essencialmente pela interdisciplinaridade que, em sua interconexão com a Etnografia, propicia interfaces com diversos campos de conhecimento como Antropologia, Sociologia e Estudos Culturais. Entendemos que as pesquisas ancoradas na Linguística Aplicada e na Etnografia (Moita Lopes, 2003, 2013; Cavalcanti, 2007, 2012, 2013; Pires-Santos, Jung, Silva, 2015; Garcez e Schulz, 2015) constituem formas de vivência, em que não há descontinuidade entre geração de dados, teorizações e análises, imbricação que possibilita o rompimento com a dicotomização entre teoria e prática. A escolha dessas abordagens se justifica porque a Linguística Aplicada e a Etnografia propõem que se abordem práticas discursivas e práticas sociais situadas, para focalizar o contexto em que as pessoas vivem e agem, em sua relação com os contextos translocais. Visa, então, à busca de compreensão mais detalhada e aprofundada sobre os significados das ações locais de eventos da vida social cada vez mais complexa do mundo contemporâneo, como esse contexto transfronteiriço,

estabelecendo um papel importante na tensão entre a construção de representações e performatizações de identidades.

Tendo em vista o desenvolvimento do objetivo proposto, o texto está organizado em quatro partes: na primeira parte, como já realizado, consta a introdução. Em seguida, contextualizamos a Tríplice Fronteira e a transnacionalização dos “brasiguaios”; na terceira parte, que está subdividida em 04 seções, analisamos as representações da mídia impressa e *on-line* a partir de 01 excerto para cada década, dado o espaço aqui disponível; na quarta parte, trazemos as considerações finais e, na seqüência, as referências que ancoraram as discussões realizadas.

## **2. CONTEXTO TRANSNACIONAL DA TRÍPLICE FRONTEIRA: LIMITES SÓLIDOS, FRONTEIRAS LÍQUIDAS**

A cidade de Foz do Iguaçu/Brasil, conforme censo do IBGE, conta atualmente com 258.532 habitantes<sup>5</sup>; a cidade de Puerto Iguazu/Argentina, com 80.020<sup>6</sup>; a Ciudad Del Leste/Paraguai, com 387.538<sup>7</sup>, cuja soma fica em torno de 726.000 habitantes. A proximidade das três cidades, embora separadas por dois rios que se unem na Tríplice Fronteira – rio Iguaçu, que separa Brasil/Argentina, unidos pela Ponte da Fraternidade; rio Paraná, que separa Brasil/Paraguai, unidos pela Ponte da Amizade – e a intensa mobilidade de pessoas em todas as direções, fazem com que as fronteiras se diluam, unindo-as um intenso turismo e comércio transfronteiriço, fortemente regulado pelo valor da moeda dólar, embora também sejam usadas as moedas dos países limítrofes: real/Brasil; guarani/Paraguai; peso/Argentina.

De acordo com o Jornal O Globo<sup>8</sup>, diariamente circulam pela Ponte da Amizade 40 mil veículos e 20 mil pedestres. Embora não existam dados estatísticos oficiais que comprovem o número de brasileiros que atravessam a ponte para trabalhar em Ciudad Del Este, sejam trabalhos formais ou informais, estima-se que diariamente se deslocam do Brasil em torno de 15.000 pessoas para esse fim. Esses empregos são altamente vulneráveis, dependendo da cotação do dólar, ou seja, quanto maior o valor do dólar frente à moeda brasileira, menor o fluxo comercial no Paraguai e, conseqüentemente, maior

---

<sup>5</sup> IBGE – Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html>. Consultado em 04/06/2020, às 10:00.

<sup>6</sup> Guíafe (2010) Disponível em <http://www.guiafe.com.ar/municipios/misiones/Puerto%20Iguazu-poblacion.php>. Consultado em 15/02/2017, às 14:00.

<sup>7</sup> Municipalidad de Ciudad del Este (s.d.) Disponível em <http://www.mcde.gov.py/vistas/historia.php>. Consultado em 15/02/2017, às 14:00.

<sup>8</sup> Jornal G1 Globo- Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/01/ponte-da-amizade-atrai-milhares-de-brasileiros-que-compram-no-paraguai>. Consultado em 20/02/2015, às 13:00.

número de desemprego, afetando significativamente as três cidades da Fronteira. Assim sendo, medidas políticas internacionais oficiais de qualquer um dos três países interferem localmente de forma drástica na configuração social e econômica dos demais motivando, como forma de pressão sobre os governantes, por parte da população fronteiriça, o fechamento da ponte que liga o Brasil ao Paraguai, ou da ponte que liga o Brasil à Argentina, interrompendo o fluxo de pessoas e mercadorias, para reivindicação de direitos.

Compondo ainda o cenário, encontram-se as Cataratas do Iguaçu – que ficam no rio Iguaçu, entre Brasil e Argentina – importante polo turístico que atraiu, em 2019, 2.020.358<sup>9</sup> turistas dos mais diferentes países e regiões brasileiras. Também a Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional – construída em parceria entre Brasil e Paraguai (1975-1982) – contribuiu para a mudança desse cenário, pois a cidade de Foz do Iguaçu passou de 33.970, em 1970, para 136.320 habitantes na década de 1980, a 258.532, na atualidade.

Em relação às práticas turísticas transfronteiriças, é comum ouvir a mídia enaltecer a pluralidade linguística e cultural ao afirmar que, na cidade de Foz do Iguaçu, convivem harmoniosamente mais de 81 etnias<sup>10</sup>. De fato, esse cenário, em que convivem brasileiros, paraguaios, argentinos, chineses, coreanos, árabes, indianos, alemães, italianos, etc., evidencia a complexidade sociocultural e linguística de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira.

### **3. ENTRE REPRESENTAÇÕES, IDENTIDADES ESTRATÉGICAS E COMPLEXAS PERFORMATIZAÇÕES**

Parece ser de consenso, frente à fluidez, complexidade, velocidade e compressão do espaço-tempo no mundo contemporâneo, a impossibilidade de identidades fixas, unas, permanentes, rótulos inerentes, como foi exaustivamente atribuído ao sujeito cartesiano Iluminista (Hall, 2000; 2009). Nessa visão essencializadora, os nominados “brasiguaios” são considerados como tendo características inerentes comuns e partilhadas, simplificação que acontece também nas diferentes mídias, sem se considerar a

---

<sup>9</sup> PARANÁ - Disponível em <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=105231&tit=Parque-Nacional-do-Iguacu-bate-recorde-de-visitantes-em-2019#:~:text=O%20Parque%20Nacional%20do%20Igua%C3%A7u,de%20dois%20milh%C3%B5es%20de%20vezes.> Consultado em 30/03/2020, às 16:00.

<sup>10</sup> LICHACOVSKI, L. CLICKFOZ Disponível em <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/foz-do-iguacu-passa-a-ter-oficialmente-81-etnias/>. Consultado em 02/05/2020, às 09:00.

complexidade da migração, nem as questões históricas, sociais, políticas e ideológicas que envolvem a nomeação.

Reconhecendo que a construção de identidade está imbuída de ideologia e de interesses (Rajagopalan 1998), é inegável que, como afirma o autor, a mídia influencia a interpretação de fatos induzidos por meio do ato de designação dos acontecimentos ou de seus responsáveis. Pelo simples ato de designar, torna-se uma “arma secreta incrivelmente poderosa” (Rajagopalan, 2003, p. 82), pois o “leitor ingênuo”, ao se acostumar com o rótulo, deixa de perceber que “a descrição não passa de uma opinião avaliativa” (p. 82), o que torna a designação um ato eminentemente político, pois “o perigo está no fato de que o leitor ingênuo ou desavisado tende a confundir descrição com termo referencial, opinião com fato consumado”.

Em sentido contrário a uma perspectiva essencializadora, coloca-se a representação do sujeito da pós-modernidade como performatizando, no discurso e no corpo, identidades complexas, provisórias, em constantes transformações (Silva, 2000; Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2006; Pinto, 2007).

Buscando um distanciamento de oposições binárias limitadoras, problematizar as ambivalências e controvérsias entre representações identitárias essencializadoras e performatização de identidades torna-se importante para examinarmos o papel da mídia na apropriação da nomeação “brasiguai” e os complexos, contraditórios e cambiantes processos de representação sobre essa designação. Segundo Silva (2000, p. 91) as identidades e as diferenças são construídas por meio de representações, sendo estas entendidas como “um sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” e, por isto, constitui um processo “arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

Ainda nas palavras do autor:

É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação (Silva, 2000, p. 91).

A partir da proposta do questionamento de como os sistemas de representações são construídos, o autor traz o conceito de performatividade, afirmando que a sua eficácia está na incessante repetição que, assim, pode ser questionada e contestada, evitando a reiteração de categorias fundacionalistas. No

sentido da performatividade, o interesse deixa de ser descritivo, para recair sobre o questionamento de como as identidades são ativamente produzidas. Ao colocar a produção das identidades em cheque, torna-se possível subvertê-las e transgredi-las, desestabilizando o poder da artificialidade de sua construção. Assim, o conceito de performatividade nos possibilita romper com uma perspectiva descritivista da representação enquanto definidora de uma identidade pré-formada, para uma perspectiva da performatização construída no discurso e no corpo, isto é, no “modo pelo qual desempenhamos atos de identidades como uma série contínua de performances sociais e culturais em vez de expressão de uma identidade anterior” (Pennycook, 2006, p. 80).

A possibilidade de desestabilizar o poder da artificialidade da construção pré-formada de identidades nos possibilita também questionar a irreversibilidade do poder. Martín-Barbero (1981: 242) nos alerta para a importância de suspeitarmos das crenças que tomam as mídias como novas formas incontestes de controle e degradação social, em que uns seriam os emissores-dominantes e outros os receptores-dominados, ignorando-se os conflitos, contradições e lutas nas negociações das estratégias interacionais cotidianas. O autor chama nossa atenção para uma visão menos ingênua sobre como as sociedades mudam, propondo que se desloque o foco da mídia enquanto texto transparente de comunicação para os processos de mediatização estratégica em que se articulam práticas de comunicabilidade social e movimentos sociais.

Seguindo a mesma perspectiva, Briggs (2011) chama nossa atenção para a centralidade da compreensão do discurso como *performance*, o que implica em entender a intrínseca relação dos textos com suas contextualizações e, ao mesmo tempo, sua característica de se descontextualizar. A esse processo de entender o discurso como fazendo parte de elos precedentes e subsequentes na cadeia de comunicação discursiva, podendo ser deslocado para fora de seu evento comunicacional para ser recontextualizado, o autor entende por entextualização. Em relação ao “brasiguai”, essas perspectivas possibilitam visibilizar as questões históricas, políticas, sociais e ideológicas subjacentes a essa designação, como buscaremos compreender, na sequência.

### **3.1. Interesses e ideologias: a invenção estratégica de uma identidade “brasiguai”**

Segundo Sprandel (1992), a designação “brasiguai” apareceu pela primeira vez em junho de 1985, estrategicamente cunhada pelos agricultores brasileiros que viviam no Paraguai e que se viram

obrigados, frente aos conflitos vivenciados no país vizinho, a regressarem ao Brasil, atravessando a fronteira político-administrativa internacional no Mato Grosso do Sul, próximo ao Município de Novo Mundo, sendo obrigados a permanecer por longo tempo em acampamentos, em condições insustentáveis e sob ameaças das autoridades locais. Depois de muita persistência, obtiveram terras para assentamento em Ivinhema (MS) e o sucesso desse grupo incentivou, por parte daqueles que continuamente retornavam ao Brasil, cunhar a auto-representação de uma “identidade estratégica” (Spivak, 2010) essencializadora, no sentido de construir características comuns e partilhadas. A auto-designação “brasiguai” passou, então, a ser usada como estratégia de luta para reivindicar direitos, tanto no Brasil como no Paraguai, junto à Organização das Nações Unidas (ONU). Nesse primeiro momento, embora prevalecesse o desejo de uma identidade “brasiguai” unificadora, esses sujeitos performatizam identidades complexas subjacentes à nomeação: (a) pessoas sem terra e sem pátria: nem brasileiros, nem paraguaios; (b) com dupla nacionalidade: ao mesmo tempo brasileiros e paraguaios, mas ainda assim sem pátria, nem direitos; (c) brasileiros que não obtiveram sucesso no país vizinho e que passam a ser posicionados como estrangeiros no próprio país, quando retornam ao Brasil. Aos agricultores brasileiros, no Paraguai, donos de grandes extensões de terras e produtores em larga escala para a exportação, essa “representação” (Silva, 2000) sustentada por relações de poder, não se aplica.

Naquele momento, a mídia ainda não tinha se apropriado da designação “brasiguai”, como pode ser notado no fragmento da notícia, a seguir, que traz a nomeação “agricultores brasileiros”:

Fragmento 1

Os agricultores brasileiros que a partir da década de 70 compraram terras no Paraguai são obrigados a fazer o caminho de volta. Empobrecidos, eles enfrentam a hostilidade da população paraguaia e buscam auxílio para a volta. Em Amambai e Rio Bonito, no Mato Grosso do Sul, há três acampamentos e estima-se que 10 mil pessoas estão vivendo lá. O governo mato-grossense não os reconhece como cidadãos brasileiros. (Jornal Nosso Tempo/Foz do Iguaçu, 18/05/93. Impreso<sup>11</sup>).

A ampliação das hostilidades aos agricultores brasileiros e retorno ao Brasil coincide com a queda do presidente Stroessner, em 1989, após 35 anos de ditadura. Após esse período, com a redemocratização do país, acontece o conseqüente enfraquecimento das bases políticas que lhe davam

---

<sup>11</sup> Fragmento utilizado na tese de doutorado por Pires-Santos (2004).

sustentação. Também no Brasil ocorria o processo de redemocratização, com a queda da ditadura militar (1964-1985). Em 1984, já como resultado da resistência à ditadura foi fundado, em Cascavel/Paraná, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), organizado em oposição às políticas de reforma agrária militar que, priorizando os megaprojetos de tecnologização para a exportação de produtos agrícolas em grande escala, gerou o enfraquecimento do pequeno agricultor e um grande êxodo desses trabalhadores para a periferia das grandes cidades e também para o Paraguai. O MST priorizava a redistribuição de terras improdutivas, com o incentivo à agricultura familiar. Muitos dos brasileiros que retornaram/retornam do Paraguai buscaram/buscam abrigo no MST.

A situação cada vez mais insustentável em que muitos agricultores brasileiros se encontravam, sendo rejeitados tanto no Brasil como no Paraguai, levou-os a se organizarem, independentes das instituições brasileiras ou paraguaias, para reivindicar seus direitos de cidadania. Sendo tratados como cidadãos de segunda categoria, 'sem terra e sem pátria', construíram uma "identidade estratégica" (Spivak, 2010) e cunharam a nomeação, não mais como brasileiros ou paraguaios, mas como "brasiguaios", colocando-se como um grupo étnico de fronteiras definidas, mas sem território, para reforçar uma autoconfiança enfraquecida e ameaçada, primeiramente no Paraguai e depois no Brasil, países em que são tratados como estrangeiros. Como afirma Sarup (1996: 131) a identidade nacional é "uma construção, moldada por pessoas particulares, por razões particulares e num determinado tempo" e é também uma ideologia, no sentido de ser um "cimento social", "uma forma efetiva de 'ligação' e controle", o que fica difícil aplicar ao "brasiguai", justamente porque não é possível estabelecer esse controle o tempo todo, pois, como afirma Rajagopalan (1998), a identidade é uma questão de ideologia e de interesse.

As questões históricas, políticas e sociais que motivaram o deslocamento de brasileiros para o Paraguai e o retorno de muitos destes, ao Brasil, podem ajudar na compreensão da tensão entre representações, identidades estratégicas e performatizações.

### **3.2. Entre fronteiras: a mão dupla da história**

É importante fazer um breve retrospecto histórico, com base principalmente em Laino (1979), sobre o que motivou o deslocamento de grande número de brasileiros para o Paraguai e o posterior retorno de

muitos destes, ao Brasil, para compreender o processo histórico e político do deslocamento desses brasileiros para o Paraguai.

As relações internacionais entre Brasil e Paraguai e a delimitação de suas fronteiras foram quase sempre conflituosas como, por exemplo, a Guerra 1864-1870, em que se uniram, contra o Paraguai, o Brasil, a Argentina e o Uruguai, constituindo a Tríplice Aliança, que saiu vencedora, provocando alteração nas fronteiras entre Brasil e Paraguai. No século XX, as fronteiras entre os dois países foram fixadas definitivamente, pelo Tratado Complementar Mangbeira-Ibarra, em 1927, o que geraria uma grave crise entre os dois países. A mitigação dessas divergências culminou com a construção, em condomínio, da hidrelétrica de Itaipu.

Mas, antes da construção da Itaipu, ainda durante o início do período em que o presidente Alfredo Stroessner assumiu o poder (1954-1989), este procurou consolidar sua dominação, procurando satisfazer as demandas sociais daquele país. Buscou, então, empreender uma marcha para o Leste paraguaio. Para isso, foram construídas a rodovia Coronel Oviedo-Ciudad Puerto Stroessner, em 1959 (hoje Ciudad del Este); a Ponte da Amizade (inaugurada em 1965); a ponte sobre o Rio Apa (inaugurada em 1971).

Outra medida tomada pelo ditador Stroessner foi a oferta vantajosa ao capital estrangeiro, o que era negado ao capital paraguaio. Pressionado por esta medida, prometeu maiores facilidades para aqueles que incorporassem mão de obra de imigrantes. Além disso, distribuiu prebendas – terras em grandes extensões – para fixar seu poder no setor rural e criou as ‘terratenientes’ – distribuição de grandes extensões de terras aos militares – para garantir sua sustentação junto às forças armadas.

Em 1966, com a assinatura da Ata das Cataratas, Stroessner promoveu a venda de terras na fronteira com o Brasil a grupos financeiros e a particulares brasileiros. Em oposição a essas medidas, o nacionalismo da oposição paraguaia se fez presente, chegando a haver apedrejamento do setor de Promoção da Embaixada do Brasil, em Assunção.

No Brasil, por outro lado, a dinâmica da industrialização, com a tecnologização e o surgimento do agronegócio para atender a uma maior eficácia exportadora, intensificou as tradicionais migrações internas dos pequenos agricultores do Nordeste, Minas e Espírito Santo em direção a São Paulo e Norte do Paraná e aquelas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para o Sudeste paranaense. É neste

contexto que ocorreu a maior entrada de capitalistas e agricultores brasileiros no Paraguai, e que teve grande impulso na década de 1970.

Desta forma, a opção do Paraguai pelo Brasil atenderia aos interesses de Stroessner e dos setores que lhe davam sustentação, mas respondia, igualmente, aos interesses brasileiros. A Ponte da Amizade e a do Rio Apa, os portos francos em Santos e Paranaguá/Brasil, oferecidos ao país vizinho e a construção da Usina de Itaipu, revelam a coincidência de interesses entre os dois países.

Foi nesse cenário que ocorreu a maior entrada de brasileiros no Paraguai e que teve seu grande impulso na década de 1970, momento em que correspondia, no Brasil, à política de subsídios aos setores de produção agrícola e exportação, com o favorecimento do incremento da tecnologização aos maiores empresários rurais aliados à política governamental da ditadura brasileira, o que provocou o êxodo de pequenos produtores para as periferias das cidades e gerou as maiores entradas de colonos brasileiros no Paraguai. A inundação de terras férteis para a construção da Usina de Itaipu também provocou o deslocamento de grande número de agricultores para o país vizinho, onde encontravam terras mais baratas e incentivos financeiros que não eram dados aos agricultores paraguaios.

No entanto, as preocupações paraguaias com a crescente presença brasileira nunca cessaram. A mídia, ao entextualizar (Briggs, 2011) a designação “brasiguaiia”, se torna ao mesmo tempo uma das raras formas para que a voz dos “brasiguaios” possa ser ouvida e também cumpre seu papel de (de)formar opiniões, pela repetibilidade da designação que provoca rejeição a esses brasileiros, ora em um país, ora no outro, como pode ser observado no fragmento a seguir:

#### Fragmento 2: O drama dos brasiguaios

Os paraguaios [...] reclamam que a identidade nacional nas províncias da fronteira está se diluindo por causa da predominância dos estrangeiros que falam sua própria língua, usam sua própria moeda, hasteiam sua própria bandeira e são os donos das melhores terras. Outra queixa é que seus filhos crescem falando português como segunda língua, em vez do guarani. “Temos que proteger nossa identidade ou estaremos perdidos como nação nessa onda de globalização e Mercosul”, diz A. R. L., diretor de uma escola local.[...] Uma outra fonte de atrito é a questão racial, uma vez que a maioria dos brasiguaios tem olhos azuis e pele clara e os paraguaios são de origem indígena. Transmissões de rádio em guarani exortam os camponeses sem terra a atacarem os brasileiros, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas, o que levou a imprensa brasileira a falar sobre limpeza étnica. (Revista do Mercosul n.º 74. Ano 2001. *On-line*)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Fragmento utilizado na tese de doutorado (PIRES-SANTOS, 2004).

Da maneira como está colocada, a etnização pressupõe, de um lado, uma homogeneidade plena da representação (Sarup, 1996; Moita Lopes e Bastos, 2003; Hall, 2009) do paraguaio, difícil de ser sustentada, principalmente se nos reportarmos à história do Paraguai como um país pós-colonial, colonizado pela Espanha até o ano de sua independência, em 1811. De outro lado, sugere um esvaziamento da complexidade cultural dos “brasiguaios”, silenciando a própria confrontação no interior das culturas dos imigrantes e atualizando o estereótipo que busca justificar e incentivar o preconceito.

Vale chamar a atenção aqui para a homogeneização, em que ficam excluídos da designação “brasiguaios” os brasileiros que não têm as características apontadas, ou seja, aqueles que não condizem com a descrição “olhos azuis e pele clara” e que (Pires-Santos, 1999 e 2004; Pires-Santos e Cavalcanti, 2008), são justamente os que se deslocaram do nordeste e sudeste brasileiro para o oeste do Paraná e depois fizeram a entrada no Paraguai. Estes, que quase sempre se constituíram como desbravadores de terras incultas foram os que primeiramente fizeram o caminho de volta para o Brasil. Correspondiam aos migrantes que não tinham recursos financeiros para adquirir terras no país vizinho e que, tanto antes da migração quanto naquele país, quase sempre exerciam a função de empregados nas grandes fazendas, ou “meeiros”, isto é, arrendatários de pequenos pedaços de terra, para cujos donos deviam reverter metade dos lucros adquiridos com a produção.

Apropriando-se da designação “brasiguai” de forma homogeneizadora, e também dos conceitos naturalizados e totalizantes de etnia, nação e linguagem, a mídia deixa fora de discussão, como se vê, a incomensurabilidade de toda e qualquer cultura. Como nos alerta Bhabha (2001), tomar a cultura como uma construção, uma estratégia de sobrevivência e a tradição como uma invenção, reforça o reconhecimento de que existem nos vértices das opostas esferas, complexas e difusas fronteiras políticas e culturais, o que torna a compreensão do que é significado pela cultura uma questão também extremamente complexa.

A indexação (Briggs, 2011) da nomeação “brasiguai” realizada pela midiaticização busca visibilizar os problemas dos “brasiguaios” no Paraguai e sensibilizar a opinião tanto dos leitores como das autoridades. A identidade que vai sendo construída os representa como brasileiros/colonos em oposição a paraguaios, isto é, constrói-se uma identidade nacional que os exclui do *nós* em oposição a *eles*. Assim, buscam a solidariedade de todos os brasileiros em relação às dificuldades de seus iguais. No

entanto, a designação “brasiguai” vem sempre em primeiro lugar, por um lado chamando a atenção para o fato de que são brasileiros e por outro apontando, na diferença, a exclusão.

Embora se possa falar de uma visibilização “brasiguai” e sensibilização em relação aos seus problemas pelos meios midiáticos, os governos do Brasil silenciam sobre o assunto ou tomam medidas para impedir que esses brasileiros retornem ao país. Defendem, assim, os segmentos que se beneficiam da atual estrutura fundiária, para quem o retorno dos “brasiguaios” representa mais uma ameaça no sentido de luta pelo direito à terra, ou seja, pela reforma agrária. É importante considerar que a questão agrária brasileira continua sendo fonte de grandes problemas sociais.

### **3.3. Ambiguidades nas estratégias de entextualização**

Da mesma forma que no excerto anterior, a designação “brasiguai” se estendeu para representar todos os brasileiros que vivem no Paraguai, também no fragmento abaixo, referente à crise interna que culminou com o *impeachment* do presidente paraguaio Fernando Armindo Lugo de Méndez. Substituído pelo então vice-presidente Luis Federico Franco Gómez, em 22 de junho de 2012, ação considerada pelos países de dois blocos econômicos regionais - o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) - como pouco transparente e não democrática, resultou na suspensão do Paraguai dos referidos blocos econômicos. Em entrevista concedida à Revista Veja, de circulação nacional brasileira, publicada nas páginas “amarelas”, as quais são tradicionalmente reservadas para entrevistas com pessoas de projeção em suas respectivas áreas, o presidente do Paraguai, naquele momento, faz referência aos “brasiguaios”:

Fragmento 3 –

- Como o senhor viu a iniciativa da presidente Dilma Rousseff de apoiar a entrada da Venezuela no Mercosul e a suspensão temporária do Paraguai do bloco?

- Tenho um grande respeito pela presidente Dilma. Não vou cometer a torpeza de fazer comentários sobre a política interna do Brasil. Espero que Dilma tome sempre a melhor decisão para os brasileiros. Nós acreditamos que existem muitos motivos para que nos unamos à presidente e ao povo brasileiro. Somos donos juntos da maior usina hidrelétrica do mundo. Aproximadamente 500.000 brasiguaios vivem no Paraguai. São paraguaios de origem brasileira, têm identidade paraguaia, criaram família aqui e adotaram nossos costumes. São paraguaios por opção e os responsáveis pelo grande crescimento do leste do país, nosso progresso não pode ser explicado senão pelo trabalho dos brasiguaios. Eles são mais que um vínculo sólido nas nossas relações com o Brasil. Na hora certa o governo do Brasil saberá dar valor a quem está garantindo a absoluta tranquilidade aos brasiguaios para trabalhar e viver aqui (Revista Veja, 11/07/2012. Imprensa).

No parágrafo subsequente a este, o presidente segue falando sobre os diversos projetos comuns entre os dois países, finalizando-o com a seguinte afirmação: **Tudo nos une. Nada nos separa.**

No parágrafo em foco, chama a atenção do leitor a estratégia de entextualização (Briggs, 2011) quando, ao lado do argumento de que **somos donos juntos da maior usina hidrelétrica do mundo** imediatamente é trazida para a arena a designação ambígua “brasiguaios”: **brasiguaios, paraguaios de origem brasileira, identidade paraguaia, paraguaios por opção.** É interessante observar que não há designação desses como “brasileiros”, embora a forma como são posicionados permita entender que estão servindo para pressionar um posicionamento do Brasil favorável às medidas tomadas pelos dirigentes do país vizinho, sendo possível pressupor que, se assim não for, correrão riscos. É importante lembrar que o presidente anterior, Fernando Armino Lugo de Méndez, acenava com a reforma agrária no país, o que intensificou a rejeição em relação aos agricultores brasileiros, resultando em intensos conflitos com os “campesinos” – como são designados aqueles que reivindicam terras no país vizinho – contribuindo para a desestabilização do governo, que culminou com sua queda.

A representação essencializadora da designação “brasiguaios” camufla a complexidade subjacente a um número evidentemente grande, isto é, 500.000, conforme afirmação do presidente, evidenciando a impossibilidade de homogeneizar a todos, como tendo características comuns e partilhadas. Além disso, embora haja uma sequência de afirmações assertivas em relação aos “brasiguaios” como **responsáveis pelo grande crescimento do leste do país, nosso progresso não pode ser explicado senão pelo trabalho dos brasiguaios**, caberia o questionamento quanto a quem está sendo incluído e quem está sendo excluído dessas designações. É importante lembrar que os donos de grandes fazendas, de origem brasileira, não se reconhecem como “brasiguaios” (conf. Pires-Santos, 1999, 2004).

Da mesma forma com que se diluem as linhas de fronteira na simplificação, evidenciando a transnacionalização ao afirmar que **Tudo nos une. Nada nos separa**, também fica implícito que os “brasiguaios” são identificados como objeto de troca simbólica entre a garantia de bem estar destes, de um lado e, de outro, a não interferência e/ou retrocesso na posição do Brasil em relação ao *impeachment* do presidente do Paraguai e à suspensão do país como membro do MERCOSUL e da UNASUL: **Na hora certa o governo do Brasil saberá dar valor a quem está garantindo a absoluta tranquilidade aos brasiguaios para trabalhar e viver aqui.** Essa argumentação também faz parte de

um processo de entextualização (Briggs, 2011), pois remete ao governo de Lugo – cujas políticas buscavam atender às reivindicações dos agricultores paraguaios quanto à reforma agrária – momento em que se intensificaram os conflitos por terras entre “brasiguaios” e paraguaios no país vizinho.

Embora os “brasiguaios” estejam aqui representados também como **paraguaios de origem brasileira / têm identidade paraguaia / criaram família aqui e adotaram nossos costumes**, são posicionados como paraguaios de outra categoria, que não se inclui entre os demais paraguaios, pois podem servir como moeda de troca nas transações internacionais. Esta situação vem gerando posições paradoxais, ou seja, se por um lado há um chamamento/atração ilusório pelo rompimento de fronteiras, por outro, há uma intensificação pela preservação/fechamento e delimitação dessas mesmas fronteiras.

Como afirma Canclini (2009: 251-252), quando a “globalização desglobaliza”, surgem políticas de isolamento, ou porque não conseguiram se incluir nas redes de conexão, ou o mundo não precisa mais deles. Este desconforto parece ser percebido com mais intensidade em contextos fronteiriços, como ocorre na Tríplice Fronteira que, embora esteja sendo focalizada numa perspectiva local, se configura principalmente pela influência global incontestável.

A designação “brasiguaião”, ao ser apropriada pela mídia e sua indexalização (Briggs, 2011) em outros contextos, desencadeia representações negativas em série como ampliadores dos problemas nos dois países, com repercussão mais acentuada na região da Tríplice Fronteira, por ser esta uma das principais portas de entrada para a volta desses brasileiros, que muitas vezes aqui se instalam.

#### **3.4. Entre representações e performatização de identidades**

Outra questão que nos ajuda a compreender a mobilidade desses brasileiros, é a sua região de origem, no Brasil, antes da migração para o Paraguai. Dentre esses brasileiros, estão aqueles oriundos da região Sul do Brasil, que se caracterizam geralmente pela ascendência europeia próxima (principalmente alemã e italiana), o que lhes dá as características apontadas na mídia como sendo “loiros e de olhos azuis”. Estes, geralmente bilíngues, possuíam um melhor nível técnico em práticas agrícolas e algum grau de escolaridade, na época da migração. Também possuíam maquinário agrícola e algum capital para adquirir pequenos lotes ou pagar arrendamentos.

Os brasileiros oriundos principalmente do Nordeste e Sudeste, geralmente denominados “negrinhos” ou “brasileiro bem brasileiro” (Pires-Santos, 2004) – mesmo quando têm a pele branca, não

são percebidos como tendo uma ascendência europeia próxima - tinham entre suas características a baixa escolaridade, condição de assalariado ou trabalhador volante antes da migração, se deslocando com pouco ou nenhum capital. Foram estes que serviram como frente para a derrubada de matas e preparação da terra para plantio, embora, em sua maioria, trabalhassem como empregados ou meeiros. Dentre estes, estavam aqueles que primeiro fizeram o caminho de volta.

Além destes, há ainda aqueles que se deslocaram com grande capital e que hoje são donos de grandes extensões de terra mecanizada, fazendo parte do agronegócio. Estes últimos recusam uma identidade "brasiguaiia", se colocando ou sendo colocados como 'cidadãos do mundo', para quem as fronteiras se tornam fluidas e porosas, muitas vezes em trânsito permanente entre os dois países.

Embora essa tripartição revele uma complexidade significativa entre esses brasileiros, em seu interior essa complexidade se amplia, pois, é necessário considerar, ainda, a época do deslocamento, as peculiaridades do local onde se instalaram (distante ou próximo da fronteira com o Brasil), o deslocamento só ou com a família, a constituição de família no país vizinho em que um dos cônjuges é paraguaio, o acesso à regularização de proprietário da terra, entre outros, que não cabem nesse espaço. Desta forma, muitos permaneceram no Paraguai, mas muitos fizeram ou continuam fazendo o caminho de volta.

Embora a migração desses brasileiros para o Paraguai tenha ocorrido com maior intensidade nos anos de 1970, como já mencionado e a notícia a que tivemos acesso do retorno de um grande número, seja de 1993 – conforme fragmento 01 – após todos esses anos, a problemática "brasiguaiia" veiculada pela mídia permanece inalterada, tanto em um país, como no outro:

#### Fragmento 4.

##### "Quién són los "brasiguaios"?"

Foz do Iguaçu - Para alguns eles são aqueles que não deram certo no próprio país, para outros, encarnam os novos bandeirantes. Quem são os brasiguaios, afinal? Imigrantes brasileiros ou cidadãos sem pátria? Uma incursão pelas cidades "brasiguaiias" do Paraguai mostra que esses imigrantes aos poucos se inserem cada vez mais na nação guarani, mas ainda mantêm vivo o sentimento verde e amarelo. Santa Rita, a 70 quilômetros da fronteira com Foz do Iguaçu, é o retrato dessa ambiguidade. Na cidade de 27 mil habitantes, onde as rádios têm programas em português e nas ruas pouco se ouve o castelhano, seis de cada dez moradores são brasileiros e descendentes. [...] "Para as autoridades nós somos paraguaios. Mas os campesinos nos veem como colonos brasiguaios. Eles nos dizem "filho de brasileiro, brasileiro é", conta. Desanimados com a vida no país vizinho, hoje Gobbi e a esposa só conseguem sobreviver porque possuem outro lote de terras com 30 hectares. Com tantos percalços, Gobbi não sabe ao certo quem é. "Não me sinto um paraguaio", diz. Enquanto ele ainda teima em viver no Paraguai, outros pequenos agricultores preferiram deixar tudo para

trás e cair nos braços do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) do Brasil (Paro, denise. Gazeta do Povo, 2020. *On-line*).

A dicotomização polarizadora – de um lado **aqueles que não deram certo no próprio país** e, de outro, **os novos bandeirantes** – constrói representações (Moita Lopes e Bastos, 2003; Sarup, 1996; Silva, 2000) que simplificam a complexidade do deslocamento desses brasileiros, e apaga o processo histórico do jogo de interesses dos dois países, como já vimos. De um lado, as recorrentes migrações internas no Brasil, decorrentes das políticas de tecnologização do agronegócio com vistas à exportação e repressão da reforma agrária, o que motivou o deslocamento do pequeno agricultor que, à deriva, foi em busca de outras frentes agrícolas, sendo atraídos, de outro lado, pelos incentivos dados a imigrantes, pelo governo do país vizinho, com vistas à marcha para o Leste, empreendida pelo governo Stroessner. Assim, a entrada desses brasileiros no país vizinho atendia duplamente aos interesses dos governos brasileiro e paraguaio. Portanto, dizer que esses brasileiros “não deram certo no próprio país” busca, por meio de uma visão meritocrática injusta, a desqualificação desse produtor, colocando-o como o único responsável pelo duplo fracasso. Essa representação negativa exclui aqueles que, possuindo capital antes do deslocamento, são considerados “novos bandeirantes”, desbravadores de terras e que contribuíram para o progresso do Paraguai.

O jogo dicotômico continua na indagação **Quem são os brasiguaios, afinal?** em que a denominação “brasiguaios” novamente homogeneíza todos numa identidade essencializada. A resposta, levantada em forma de pergunta, reforça a dicotomia - **Imigrantes brasileiros ou cidadãos sem pátria?** – o que nos remete à reflexão sobre a situação insustentável daqueles que não tiveram a oportunidade de construir uma estabilidade naquele país como e a impossibilidade do retorno ao Brasil, ao serem considerados **cidadãos sem pátria**.

De acordo com a narrativa jornalística, mesmo depois de muito tempo vivendo no país vizinho **em cidades “brasiguaias”, ainda mantém vivo o sentimento verde e amarelo**. Essa ambiguidade, que busca traçar fronteiras e reforçar uma auto-confiança enfraquecida e ameaçada, tanto em um país, como no outro, se sustenta na noção do Estado/Nação. Como afirma Sarup (1996, p. 131), a identidade nacional é “uma construção, moldada por pessoas particulares, por razões particulares e num determinado tempo” e é também uma ideologia, no sentido de que busca se tornar “uma forma efetiva de ‘ligação’ e controle”.

O olhar do Outro constrói a 'representação' (Silva, 2000; Hall, 2000, 2009) essencializadora, estabelecendo uma nomeação prefigurada no sentido do Estado/Nação, deslegitimando o pertencimento tanto a um como ao outro país e, ao mesmo tempo, gerando a exclusão no sentido de povos apátridas. Mas, ao mesmo tempo, essa homogeneização escapa ao controle, mostrando a complexidade subjacente: **Para as autoridades nós somos paraguaios. Mas os camponeses nos veem como colonos brasiguaios. Eles nos dizem “filho de brasileiro, brasileiro é”**, ou seja, diferentes olhares constroem diferentes identidades. Assim, a bandeira levantada inicialmente pelos próprios brasileiros de uma identidade “brasiguaiá” serviu estrategicamente (Spivak, 2010) aos interesses e ideologias (Rajagopalan, 1998) dos próprios brasileiros como símbolo para a denúncia do não reconhecimento do direito à cidadania. Mas, por outro lado, ao não estabelecer identificação com uma nação em particular, se tornaria viável reivindicar seus direitos em ambas.

Mas, ao volver os olhares para si, a essencialização se dilui na complexidade e fluidez da performatização, ou seja, sem uma fixidez primordial e sem a possibilidade de um fechamento ou retorno a um princípio, se coloca em pleno processo de (re)construção, provisoriedade, complexidade e incompletude. Ao encenar uma performance (Silva, 2000; Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2006; Pinto, 2007) insurgente, Gobbi se ancora na negação, tomando como base o sentir e não o “ser”, o que lhe confere a provisoriedade. Assim, desestabilizar uma identidade brasiguaiá o faz transitar por infinitas configurações e combinações, sem a garantia de nenhuma certeza ou permanência, tanto que nenhuma outra é nominada, sublevando um eterno devir.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como objetivo investigar como a nomeação “brasiguaiá” se espalha para diferentes contextos no processo de apropriação e reprodução pela mídia, engendrando tensões entre representações e performatizações identitárias, no complexo cenário de fronteiras.

Não se pode negar à mídia o importante papel de informar, denunciar e formar opiniões, como acontece em relação à mediatização dos “brasiguaios”, na Tríplice Fronteira. Mas, não se pode ignorar, também, sua influência na interpretação de fatos que, ao serem nominados repetitivamente, se transformam em descrição avaliativa incrivelmente poderosa na (de)formação de opinião.

Embora pretenda neutralidade, ao se apropriar da designação “brasiguai”, a mídia vai, lenta e sutilmente – via representações relacionadas à invasão de terras, problemas sociais gerados por esses brasileiros, desemprego, fracasso, moeda de troca em questões diplomáticas internacionais, entre outras atribuições - atualizando representações identitárias extremamente negativas que cooperam para perpetuar a estigmatização e rejeição a esses brasileiros, duplamente expropriados, tanto no Brasil como no Paraguai.

Assim, se uma representação identitária “brasiguai” serviu estrategicamente aos interesses e ideologias dos próprios “brasiguaios” como símbolo para denúncia do não reconhecimento do direito a uma pátria, sua apropriação pela mídia, sem que sejam atualizados processos históricos, políticos e sociais desse complexo movimento transfronteiriço, tem-se colocado a serviço da formação de juízos de valor e controle ideológico, que se estende das relações internacionais às práticas cotidianas desses sujeitos, no contexto de fronteira. Embora as relações diplomáticas e o cotidiano vivenciado por esses brasileiros sejam níveis aparentemente separados, a entextualização midiática descontextualizada dos processos históricos políticos e sociais que envolvem a veiculação das representações dos “brasiguaios”, reforçam a naturalização que forja estereótipos negativos que se perpetuam ao longo da vida desses cidadãos. Mas, ao mesmo tempo e a partir dos olhares para si, esses sujeitos não se deixam capturar nas teias dessas representações e buscam linhas de fuga na performatização de identidades complexas, fluidas, provisórias e contraditórias, questionando e desestabilizando a irreversibilidade do poder.

Essas constatações nos fazem refletir sobre a importância de se olhar para como são construídos os processos estratégicos de mediação em que se articulam práticas de comunicabilidade social e movimentos sociais, para que sejam visibilizados os processos sociais, políticos e históricos subjacentes às representações identitárias, para que se possa romper com estigmatizações e exclusões daí resultantes, possibilitando performatizações imensuráveis.

## 5. REFERÊNCIAS

Bhabha, H.K. (2001) **O local da cultura**. Editora UFMG: Belo Horizonte.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2019) Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html>, acesso em 04/06/2020, às 10:00.

- Briggs, C. (2011) **On virtual epidemics and the mediatization of public health**. Na revista *Language & Communication*. N. 31, pp. 217-228.
- Canagarajah, S. (2013) **Translingual practice: global englishes and cosmopolitan relations**. Routledge: London/New York.
- Canclini, N. G. (2009) **Diferentes, desiguais e desconectados**. Ed. UFRJ: Rio de Janeiro.
- Cavalcanti, M. C. (2013) **Educação linguística na formação de professores de línguas**. In: Moita Lopes, L. P. *Linguística Aplicada na modernidade recente*. Parábola: São Paulo. Pp. 211-226.
- Cavalcanti, M. C. (2006) **Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas**. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola: São Paulo. Pp. 233-252.
- Garcez, P.M.; Schulz, L. (2015) **Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Língua Aplicada no Brasil**. Na revista *DELTA*, n. 31, n.spe. pp. 1-34.
- Garcia, O.; Leiva, C. (2014) **Theorizing and enacting translanguaging for social justice**. In: Blackledge, A.; Creese, A. (eds). *Heteroglossia as practice and pedagogy*. Springer Dordrecht Heidelberg: New York/London, pp. 199-2016.
- Guíafe (2010) Disponível em <http://www.guiafe.com.ar/municipios/misiones/Puerto%20Iguazu-poblacion.php>. Consultado em 15/02/2017, às 14:00.
- Hall, S. (2000). **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP & A: Rio de Janeiro.
- Hall, S. (2009) **Da diápora**. Identidades e mediações culturais. Editora UFMG: Belo Horizonte.
- Jornal G1 Globo- Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/01/ponte-da-amizade-atrai-milhares-de-brasileiros-que-compram-no-paraguai>, acesso em 20/02/2015, às 13:00.
- Jornal Nosso Tempo. (1993) Foz do Iguaçu, 18 de maio 1993, p. 06.

Laino, D. (1979) **Paraguai**. Fronteiras e penetração brasileira. Global: São Paulo.

Lichacovski, L. Foz do Iguaçu passa a ter, oficialmente, 81 etnias. **CLICKFOZ**. Consultado em <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/foz-do-iguacu-passa-a-ter-oficialmente-81-etnias/>. Acesso em 02/05/2020, às 09:00.

Martín-Barbero, J. (1981) **De los médios a las mediaciones**. Gustavo Gili: Barcelona.

Moita Lopes, L.P.; Bastos, L. (2003) (orgs.) **Identidades**. CNPQ/Mercado de Letras: Campinas.

Moita Lopes, L. P. (2006) (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. Parábola: São Paulo.

Moita Lopes, L.P. (2013) **Linguística Aplicada na modernidade recente**. Parábola: São Paulo.

Municipalidad de Ciudad del Este (s.d.) Disponível em <http://www.mcde.gov.py/vistas/historia.php>. Consultado em 15/02/2017, às 14:00.

Paraná. **Parque Nacional do Iguaçu** - Disponível em <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=105231&tit=Parque-Nacional-do-Iguacu-bate-recorde-de-visitantes-em-2019#:~:text=O%20Parque%20Nacional%20do%20Igua%C3%A7u,de%20dois%20milh%C3%B5es%20de%20vezes>. Consultado em 30/03/2020, às 16:00.

Paro, D. (2020). "Quién són los "brasiguaios"? **Jornal Gazeta do Povo**. Consultado em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/quien-son-los-brasiguaios-10qkte39cr8wfmmygidr3n426/>. Consultado em 15/05/2020, às 19:00.

Pennycook, A. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: Moita Lopes, Luiz Paulo da (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. cap. 2, p. 67-84.

Pinto, J. P. (2007) Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. Na Revista **DELTA**, N. 23, janeiro 2007, pp. 1-26.

Pires-Santos, M. E. *et al.* (2015) **“Vendo o que não se enxergava”**: condições epistemológicas para **construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar**. Na Revista *DELTA*, n. 31, 2015, n.spe. pp. 36-66.

Pires-Santos, M. E.; Ccavalcanti, M.C. (2008) **Identidades híbridas, língua(gens) provisórias – alunos “brasiguaios” em foco**. Na Revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*, N. 47(2), pp. 429-446.

Pires-Santos, M. E. (1999) **Fatores de risco para o sucesso escolar de crianças “brasiguaias” nas escolas de Foz do Iguaçu**: uma abordagem Sociolinguística. Dissertação de Mestrado inédita. Universidade Federal do Paraná, 1999.

Pires-Santos, M. E. (2004) **O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. Tese de doutorado. UNICAMP (inédita).

**Revista do Mercosul** (2001) n.º 74. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/revistadomercosul/pesquisa-public/mercosul-74-1.htm> Acesso em 11/09/2003, às 16:00.

Rajagopalan, K. (1998). **O conceito de identidade em linguística**: é chegada a hora para uma reconsideração radical? En Signorini, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Mercado de Letras: Campinas/SP, pp. 21-46.

Rajagopalan, K. (2003). **Por uma linguística crítica**. Linguagem, identidade e a questão ética. Parábola: São Paulo.

Sarup, M. (1996) **Identity, Culture and the postmodern world**. Edinburgh University Press: Edinburgh.

Silva, T. T. (2000) **Identidade e diferenças**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Vozes: Petrópolis.

Spivak, G. (2010) **Pode o subalterno falar?** Ed. UFMG: Belo Horizonte.

Sprandel, M. A. (1992) **Brasiguaios**: conflitos e identidade em fronteiras internacionais. Dissertação de Mestrado em antropologia social. Ed. UFRJ: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Thompson, J. B. (2009) **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Ed. Vozes: Petrópolis.